



Debates Acerca dos Conceitos de Justiça Presentes na Obra “Os Irmãos Karamázov” de Dostoiévski

Debates About the Concepts of Justice Within “The Brothers Karamazov” by Dostoiévski

Marília Amorim de Albuquerque Silva

Nadielson Barbosa da França

Resumo: O presente estudo se dedica a analisar as ideologias e filosofias acerca do conceito de justiça na obra Os irmãos Karamázov, do autor russo Dostoiévski, buscando relacionar correntes filosóficas aos discursos das personagens e explicando como essas correntes filosóficas se apresentam na narrativa. No âmbito de uma pesquisa qualitativa, que analisa e explica o fenômeno da justiça na obra escolhida, foi entendido que os diferentes personagens possuem diferentes abordagens acerca do fenômeno da justiça, sendo Smerdiakov o mais cético, tendo ele uma abordagem relativista acerca do justo e do injusto, sem acreditar em punição divina e desprezando qualquer acordo social que não o convenha. Ivan, por outro lado, é revoltado pelas injustiças que ocorrem na humanidade, mas as vê como inevitáveis, acreditando que, por sua natureza egoísta, é necessário que o ser humano abdique de seu livre-arbítrio em prol do convívio social, impedindo o cometimento de injustiças ainda mais bárbaras. Dmitri e Aliocha convergem no ideal de justiça, enxergando como impossível a concretização desta na vida terrena devido aos pecados humanos; ainda, veem como necessários a punição e o sofrimento de um indivíduo que não possui culpa direta no cometimento da injustiça, pois esta pessoa faz parte de um coletivo depravado e culpado pelo sofrimento dos inocentes.

Palavras-chave: justiça; filosofia; direito; literatura; interdisciplinaridade.

Abstract: This study aims to analyze the ideology and philosophies surrounding the concept of justice in “The Brothers Karamazov”, by Russian author Dostoiévski, aiming to connect philosophical movements to the character’s discourse and explaining how those philosophical movements present themselves in the narrative. Within the scope of a quality work that analyses and explains the justice phenomenon in the chosen literature, it concluded that different characters have different approaches within the justice phenomenon, Smerdiakov being the most skeptical, having a more relativist approach about the just and unjust, not believing in divine punishment, and despising any social agreement that is not convenient to him. Ivan, on the other hand, is revolted by the injustices that occur within humanity, but sees them as inevitable, believing that because of its selfish nature, human beings must give up their free will in favor of social norms, avoiding the commission of more barbaric injustices. Dmitri and Aliocha converge in the ideal of justice, seeing as impossible that it exists in earthly life due to human sin. Also, they see as necessary the punishment of an individual who does not hold direct responsibility in the commission of an injustice, because this person belongs to a depraved collective that is guilty for the suffering of the innocent.

Keywords: justice; philosophy; law; literature; interdisciplinarity.

INTRODUÇÃO

O conceito de justiça é área de grande debate entre juristas, filósofos e sociólogos. Assim, o conceito de justiça não é uno, mas sim variante conforme a sociedade e o contexto em que se analisa, sendo a ideia de justiça exprimida pela legislação, por exemplo, um reflexo do ideal dos legisladores daquela sociedade.

Sabendo disso, há que se falar sobre a análise de contextos sociais através de obras culturais produzidas por determinada sociedade. A produção cultural reflete a sociedade em que ela foi produzida, sofrendo influências e influenciando o contexto em que está inserida. Assim, fazer uma análise de uma obra literária, por exemplo, é fazer uma análise de um recorte da sociedade representada pelo autor, pois, estando inserido naquele contexto, ele retrata os valores desta em sua obra. Visto que a ideologia de um contexto é inculcada no indivíduo em que ele está inserido, o sujeito passará, mesmo que inconscientemente, essa ideologia à sua obra, seja ele crítico a essa ideologia ou não, seja ele consciente dessa ideologia ou não, conforme afirma Warat: “as mensagens ideológicas, apesar de nossas ações cotidianas, não se dão geralmente em nossa experiência consciente” (Warat, 2009, p. 20). Em ligação com o ideal de justiça, este também será retratado de diferentes formas de acordo com diferentes recortes.

É verdade que há um limite na interpretação da realidade social através de obras artísticas, pois “uma obra de arte é o resultado singular de um temperamento singular” (Wilde, 2013, p. 26). Assim, apesar de as obras serem feitas sob enorme influência da ideologia vigente na sociedade, tal obra será apenas um recorte do indivíduo que a produziu.

É por essa relação dialética entre produção cultural e sociedade que é de suma importância a análise da produção artística de diferentes contextos, a fim de analisar os conceitos presentes naquela sociedade que foram retratados na obra e, da mesma forma, analisar de que forma aquela obra influencia a sociedade que a “consome”.

É assim, pensando o direito como um discurso produto da sociedade em que ele está inserido, que se tem a importância de analisá-lo juntamente à literatura, pois esse é um meio de identificar e analisar as ideologias presentes no meio social. Realizar a crítica e análise de determinada cultura através de formas de comunicação artística é promover também a reflexão do Direito, nas palavras de Ost (*apud* Dutra, 2012), a reflexão do Direito a partir da Literatura reata — o Direito — com “as raízes da cultura, ao mergulhá-lo nos recursos do imaginário”, sendo a cultura “aquilo que nos resta quando se esqueceu tudo da lei, da justiça, do poder, e é preciso inventá-lo de novo...”, essa interface entre Direito e literatura é ainda mais presente no que tange aos conceitos de justiça, já que ela é a própria razão de existência e legitimação do direito.

Assim, considerando-se a relação interdependente de justiça, direito e arte, faz-se uma análise da obra literária “Os irmãos Karamázov”, do autor russo Fiódor Dostoiévski, publicada em 1880 e que se tornou um clássico da literatura mundial

devido à influência que teve em diversas culturas pelo mundo, abarcando diversos assuntos importantes à experiência humana, como os conceitos de culpa e justiça. A obra tem como foco os irmãos Karamázov: Dimítri, Ivan e Alieksiéi e seu pai, Fiódor Pávlovitch Karamázov, e os conflitos e interações entre esses personagens e outros, tendo como ponto de clímax o assassinato do patriarca e o julgamento de Dimítri pelo crime. Cada personagem possui uma visão ética/moral diferente, que constantemente entra em conflito, dando, assim, base para diálogos e debates sobre questões religiosas, morais e filosóficas. A história se passa na Rússia, no final do século XIX, refletindo os debates da época acerca de ideais liberais, socialismo, religião, ciência e política, sendo uma obra rica para análise de diversos temas.

ANÁLISE DO DISCURSO NA OBRA

A comunicação é um conceito essencial para a compreensão do ser humano, sendo o ser humano caracterizado também pela linguagem e comunicação como um dos requisitos básicos. Warat afirma que “analisando as formas de comunicação de um grupo, por realizar-se uma reconstrução crítica de sua cultura” (Warat *apud* Dutra, 2012). Portanto, identificar e analisar as mensagens ideológicas contidas em uma obra, que é essencialmente um produto de comunicação, é também analisar a própria sociedade, sendo objeto de estudo da semiótica e da semiologia, o estudo de signos na comunicação humana, sejam esses: imagens, gestos, pinturas ou, mais importante para o presente trabalho, obras literárias.

Assim, é objetivo do presente tópico analisar e entender como o contexto em que “Os irmãos Karamázov” foi produzido reflete na obra e quais os elementos desse contexto são mais importantes para a compreensão da obra antes de se realizar o recorte acerca do tema da justiça. Não apenas isso, mas é também necessário entender os próprios elementos textuais que indicam os discursos ideológicos que atuam sobre a obra e sobre as personagens. Assim, é necessário buscar o discurso dentro do texto, procurando este discurso presente no enroscado de elementos históricos, linguísticos e psicológicos: “os interlocutores não são personagens nem pessoas, mas classes, gerações e contextos [...] Seja qual for, portanto, o contexto da palavra sempre estará impregnado das palavras dos outros” (Hebeche, *apud* Dutra, 2012).

“Os Irmãos Karamázov” se passa no final do século XIX, tempo real da escrita, em que todas as condições de fluxo de ideias e descontentamento com o regime vigente se fazem presentes, bem como as movimentações revolucionárias e os debates filosóficos em círculos intelectuais. A história se passa em uma cidade não especificada do Império Russo e é narrada em terceira pessoa, acompanhando a família Karamázov em um momento bem específico de sua história. Possui cinco personagens que são mais importantes para a história: o patriarca — Fiódor Pávlovitch Karamázov, os três filhos legítimos — Dmitri, Ivan e Alexei Karamázov, e o servente da casa que se especula ser, na verdade, um filho bastardo do patriarca. A narrativa se inicia em um momento em que os três irmãos legítimos voltam à casa

paterna e acompanha o desenrolar até que ele é assassinado e tem como principal suspeito o filho mais velho, Dmitri.

É importante notar que a obra sofre enorme influência da filosofia cristã e que, por muitas vezes, a ideia de injustiça se confunde com o conceito de pecado. Por exemplo, na fala de Mestre Zóximo: “alegre-se pelo justo, alegre-se ao pensar que, se você tiver pecado, ele, em compensação, é justo e não pecou” (Dostoiévski, p. 484, 2013), assim, o justo é aquele inocente que não peca, e o injusto é aquele que peca. Ainda é necessário observar como a culpa interfere nesses ideais, pois o sofrimento dos culpados — dos injustos — é a única forma de redenção dos pecados, assim, a punição dos culpados pelas injustiças é uma forma de restabelecer a justiça. É necessário ressaltar que, na obra, o maior ato de injustiça e alvo de diversas discussões é o sofrimento das crianças, sendo elas a representação da inocência, de alguém que não pecou nem foi injusta. Assim, cada personagem possui uma visão própria acerca das injustiças da humanidade e cada visão particular atribui uma causa diferente, e é ainda muito presente o debate acerca da culpa e das ações necessárias para a correção das injustiças cometidas pela humanidade.

O pai é a representação de uma pessoa que vive apenas pelos prazeres da vida, uma pessoa egoísta que não se importa nem com os próprios filhos, tendo terceirizado a criação destes, mantendo contato apenas quando lhe é conveniente. Este personagem é alvo de todo o desprezo e desgosto do narrador, mesmo que por vezes este pareça tentar adotar uma posição mais branda e se abster de julgar tão fortemente os comportamentos venais e egoístas do personagem. Tamanha é sua falta de compromisso com os integrantes de sua própria família que logo no começo da narrativa sua primeira esposa, mãe de seu filho mais velho Dmitri, morre e lhe dão a notícia havendo duas versões de como ele reagiu, em uma ele comemora sua nova liberdade e na outra ele chora copiosamente:

É bem possível que ambas as versões sejam verdadeiras: ele se alegrava pela sua libertação, ao mesmo tempo em que chorava pela sua libertadora. Muitas vezes, as pessoas, mesmo más, são mais ingênuas, mais simples do que podemos imaginar. Aliás, nós também o somos (Dostoiévski, p. 19, 2013).

Fiódor debocha de valores éticos e morais e assume que seria esta a verdadeira natureza humana — a falta desses valores — e acredita que todos são da mesma forma, que as normas sociais que todos parecem seguir são apenas fingimentos, que, se dada a liberdade, todos agiriam com tanto desprezo quanto ele. Apesar disso, não é descrente na religião e em Deus, já que em um momento oferece a bênção a seu filho Aliocha, em outro, pede para o mesmo rezar por ele.

O personagem se aproxima de uma corrente filosófica do hedonismo, que prega a busca pelos prazeres como a razão central da vida. Ele não deixa claro através de palavras seus posicionamentos sobre temas como o conceito do justo ou se tal conceito seria possível de ser alcançado na terra, mas através de suas ações podemos extrair que ele não é muito preocupado com questões de tal natureza, muito ocupado em se ocupar de forma a obter o máximo de prazer não se importa

com agir de forma ética ou justa, nem tampouco parece se incomodar com injustiças cometidas com outros.

Muito pelo contrário, Fiódor não se importa em agir de forma socialmente aceitável e parece restringir seus desejos apenas quando há repercussões legais para seus atos. Fiódor é um personagem interessante do ponto de vista de discussões acerca do justo e injusto, pois enquanto ele reconhece a existência de tais conceitos, mesmo que por mera convenção social, ele parece não conseguir controlar seus impulsos para agir de acordo. É especulado por toda a obra que ele estuprou uma mulher com deficiência mental e desse estupro nasceu Smerdiakov, e enquanto ele não se orgulha do fato, ele também não parece se envergonhar. Apesar de sua falta de sentimento de culpa quanto aos seus atos, ele tem certo medo quanto às consequências de seus atos após sua morte, como é demonstrado pela passagem em que ele pede para que seu filho mais novo reze por ele.

O filho mais velho, por outro lado, é a representação mais próxima do homem russo da época. Apesar de impulsivo, irresponsável e com pouco controle de suas paixões, segue um rigoroso código moral que não precisa de aprovação externa, apenas a tranquilidade da consciência limpa. Criado por um servente da casa paterna, ele tem pouco controle de suas emoções, sendo conhecido por gastar o dinheiro que recebe impulsivamente, estando sempre sem este, o que é extremamente relevante para a narrativa, visto que ele é incriminado pelo assassinato de seu pai, tendo como motivo sua falta de dinheiro.

A princípio, sendo o único dos três filhos de Fiódor Pávlovitch, o pequeno Dmitri cresceu imaginando possuir alguma fortuna e vir a ser independente ao se tornar maior de idade. Sua infância e juventude foram bem movimentadas: deixou o colégio antes de terminá-lo, entrou em uma escola militar, partiu para o Cáucaso, serviu no exército, foi rebaixado por bater-se em duelo, retomou o serviço militar, fez muitas farras e fanfarras, gastou muito dinheiro (Dostoiévski, p. 20, 2013).

Após a morte de sua primeira esposa, Fiódor Pávlovitch casa-se novamente com outra esposa, tendo dois filhos com esta: Ivan e Aliocha. Quando o caçula tinha apenas quatro anos, a segunda esposa de Fiódor Pávlovitch também faleceu e, a partir daí, seus dois filhos acabaram esquecidos pelo pai, bem como foi com o filho mais velho. Ambos foram acolhidos por uma parente da mãe deles e, após a morte desta, foram acolhidos por um benfeitor, herdeiro da parente que os havia acolhido, Iefim Petróvitch, que investe na educação dos dois jovens que estavam sob sua tutela.

Ivan é um personagem cético e soberbo. Não é claro se ele acredita na existência de um Deus ou não, já que, por vezes, ele diz que Deus é uma criação humana e, outras vezes, ele se diz inconformado com a natureza humana criada por Deus. É o extremo da racionalização e é muito inteligente e orgulhoso. Ao contrário de Dmitri, que nutria um profundo desprezo pelo pai, Ivan ainda mantinha certo relacionamento com este e o pai parecia até mesmo ouvi-lo por vezes, chegando a servir como uma forma de mediador entre o pai e o irmão mais velho. Ivan

adota uma filosofia carregada de elementos do materialismo e do liberalismo, que reverberam em seu discurso, embasando seu ateísmo. O personagem justifica seus posicionamentos, afirmando ser injusto o mundo em que vive, sendo inconcebível que um Deus bom criasse um mundo com tantas injustiças e sofrimentos.

O caçula, Aliocha, considerado o “herói” do romance, como o próprio narrador o apresenta, representa o ideal de pessoa que o autor acreditava ser necessário no mundo. Aliocha cresceu com seu irmão Ivan, mas, ao atingir certa idade, ao contrário do irmão, que se dedicou aos estudos, Aliocha decide dedicar sua vida à religião e se muda para o mosteiro a fim de se tornar monge, apesar de sua grande dedicação à religião, é descrito como realista (Dostoiévski, p. 41, 2013).

É uma pessoa muito serena e calma, demonstra ter muita compaixão e nunca olha com julgamento as atitudes dos outros, nem mesmo as de seu pai, a quem faltava caráter e compaixão. Aparentemente é o único que faz o pai de fato ter um pouco de consciência sobre suas próprias ações, em uma cena no início do livro, após Aliocha dizer que vai se mudar para o mosteiro, seu pai lhe diz:

[...] Vá buscar a verdade e volte... para me contar... eu vou partir mais tranquilo para o outro mundo quando souber o que anda acontecendo por lá... será mais apropriado pra você viver com os monges do que comigo, velho ébrio, libertino, e com as raparigas...[...] e eu vou esperá-lo, pois sinto que é o único neste mundo que não me culpa de nada, meu menino querido; não posso deixar de sentir! (Dostoiévski, p. 40, 2013)

Por último, o autor apresenta o personagem Smerdiakov, o servente da casa que foi criado pelo casal de serventes, adotado quando sua mãe — uma moça conhecida na cidade por não ter domínio de suas faculdades mentais — pulou o muro do quintal da casa de Fiódor Pávlovitch e deu à luz o bebê. É especulado que ele seja um filho bastardo de Fiódor Pávlovitch, mas nunca é comprovado durante a narrativa. Smerdiakov é epilético, fato que será altamente relevante na narrativa, sendo uma pessoa mesquinha, sendo tratado por todos como inferior, possuindo uma filosofia de vida parecida com a de Ivan, mas, enquanto, pela posição social desse, certos questionamentos acerca da religião e moralidade lhe trouxeram prestígio e admiração acadêmica, para Smerdiakov, isso lhe trouxe repreensão. Em uma cena (Dostoiévski, p. 191, 2013) quando Grigóri, ao ensinar a passagem bíblica de Gênesis para um jovem Smerdiakov é questionado: “Deus criou o mundo no primeiro dia; o sol, a lua e as estrelas no quarto dia. Então, de onde vinha a luz no primeiro dia?” Mas em vez de responder à pergunta do jovem ou alimentar sua curiosidade, Grigóri o bate com violência. Assim, uma pergunta que no contexto acadêmico de Ivan lhe concederia prestígio pelo pensamento crítico e curioso, feita por Smerdiakov, foi fortemente repreendida no contexto de estar sendo criado pelos serventes da casa de Fiódor.

Assim, com esses cinco personagens, é estabelecido um cenário de embate e discussões, enquanto o espectador observa como a aplicação dessas filosofias tem consequências na narrativa. O ponto narrativo principal da história é o assassinato

do patriarca Pávlocitch e a consequente investigação desse acontecimento, pois o principal suspeito é seu filho mais velho Dmitri.

Dmitri, mesmo sendo impulsivo e tendo até ameaçado de morte seu pai diversas vezes durante a narrativa e até mesmo o agredido, não foi quem cometeu o assassinato, e sim o filho bastardo Smerdiakov, que fingiu ter um ataque epiléptico na noite do crime para servir de álibi e incriminar Dmitri.

Um dos debates presentes na obra, por exemplo, é acerca da existência e relação entre virtude, fé e imortalidade. Enquanto Aliocha afirma que existe a imortalidade e, portanto, existem valores morais que são universais baseados na existência de Deus e da imortalidade da alma, Ivan rejeita essa perspectiva, afirmando que não existe imortalidade e, portanto, não existem valores morais, já que as ações humanas realizadas no plano material não teriam nenhuma consequência no plano espiritual. Smerdiakov, ainda, se ressentido de toda a humanidade rejeitando valores e “tratados” de convivência, diferente de Ivan, que vive angustiado por não acreditar em Deus e enxergar que não existem valores e moralidade sem este, tendo a percepção que a humanidade está em um limbo sem Deus, onde nada é certo ou errado, nisso, enquanto Smerdiakov vê uma libertação para agir como quer, Ivan teme pelo futuro quando todos enxerguem a falta de moralidade e imortalidade como ele.

Toda a questão do questionamento racional da fé e do questionamento da existência ou não de moralidade é rodeada por um questionamento de culpa e justiça, e esses dois conceitos na obra são interdependentes. Devido a toda a influência católica na obra, os questionamentos sobre justo e injusto rodeiam o conceito de culpabilidade, se as ações humanas na terra são passíveis ou não de punição e até que ponto essa punição seria justa.

A Falta de Moral e Justiça Segundo Ivan e Smerdiakov

Ivan, como mencionado anteriormente, é um personagem extremamente cético quanto à bondade humana e sua corrente de pensamento se aproxima do niilismo. Segundo Ivan, a religião, apesar de não ser a verdade, é necessária como a única forma de evitar o completo caos, para ele, sem a iminência de uma punição divina, não existiria razão para as pessoas controlarem seus desejos pessoais e agissem de qualquer forma que não seja para suprir seus próprios desejos, mesmo que esses desejos causem prejuízo a outrem. Nesse aspecto, a filosofia de Ivan se aproxima da ideia do estado natural humano de Hobbes, que seria um estado de guerra de todos contra todos, diz Mascaro, sobre Hobbes: “Somente um contrato, um pacto, enseja que os homens, que vivem em função de seus interesses pessoais, passem a viver em conjunto” (Mascaro, p.146, 2023), sendo necessário um contrato social e a delegação de poder ao Estado para que a vida em sociedade seja possível. Porém, para Ivan, a delegação de poder não seria ao Estado e sim à religião. Essa delegação de poder não seria literal como é em Hobbes; seria uma delegação moral, em que os indivíduos aceitam a imposição de uma regra moral pela Igreja a fim de que eles possam conviver em uma sociedade funcional, como

demonstrado em uma conversa com Aliocha em que Ivan menciona uma frase de Voltaire: “Se Deus não existe, seria preciso inventá-lo” (Dostoiévski, p. 350, 2013).

Para Ivan, não apenas a invenção de Deus é necessária, como também é inevitável ao ser humano, pois o homem não aguentaria a responsabilidade de ele mesmo distinguir o bem do mal, as justiça das injustiças. Para ele, a necessidade primordial do ser humano é delegar tal responsabilidade a algo maior, algo que consiga agregar outras pessoas que sigam os mesmos princípios. Em seu poema O Grande Inquisidor, Ivan fala:

Para o homem, uma vez livre, não há preocupação mais constante, mais dolorosa, do que encontrar, com a maior rapidez, ‘a quem adorar’ [...] Buscando um culto que reúna não apenas alguns fiéis, mas um culto no qual todos juntos possam participar, unidos pela mesma fé comum. Essa necessidade de comunidade, de comunhão na adoração, é o principal tormento de cada indivíduo e de toda a humanidade, desde o início dos tempos. [...] Tu te esqueceste de que o homem prefere a paz, até mesmo a morte, à liberdade de distinguir entre o bem e o mal? Para o homem, não há nada mais atraente do que o livre-arbítrio, mas tampouco existe algo mais doloroso (Dostoiévski, p. 382, 2013).

Assim, sendo extremamente cético quanto à bondade natural humana, Ivan afirma não se conformar com o mundo criado por Deus, em suas palavras: “Não é Deus que eu recuso, compreenda bem, mas sim o universo criado por ele” (Dostoiévski, p. 352, 2013), pois a necessidade de delegação do livre-arbítrio cria também uma cegueira na humanidade quanto às injustiças. Para ele, a delegação do livre-arbítrio causa no ser humano uma paralisação frente à dor dos inocentes e frente às injustiças causadas por eles mesmos em prol de seguir uma ideologia ditada pela autoridade escolhida, mesmo que isso signifique ignorar a própria individualidade e senso de justiça.

O diálogo que Ivan tem com seu irmão Aliocha explicita sua forma de pensar e é uma instância em que pecado e injustiça se confundem, tornando-se quase sinônimos. Durante sua história sobre O Grande Inquisidor, Ivan está falando contando que Deus voltou à Terra depois de muitos anos e como primeiramente as pessoas o reconheceram por seus milagres e bondade, mas bastou o Inquisidor mandar, que ele foi preso e condenado à morte, e durante a conversa do Inquisidor com Deus ele fala:

Mas amanhã vou condenar-te e mandar queimar-te em uma fogueira, como o pior dos hereges, e o mesmo povo que hoje te beijou os pés, amanhã, ao menor sinal da minha mão, virá correndo para atizar as brasas da tua fogueira (Dostoiévski, p. 375, 2013).

No momento do diálogo, Ivan se demonstra profundamente revoltado frente ao sofrimento injusto dos inocentes, mais especificamente das crianças, mas ele adota uma posição passiva, pois, apesar de estar revoltado com as injustiças do

mundo, ele não demonstra uma preocupação em mudar essas injustiças, atribuindo à natureza humana as más ações que levam ao sofrimento.

A justiça, para Ivan, não seria algo terreno, pois as pessoas se tornam cegas com a moralidade do rebanho imposta a elas pela religião, algo que também não é divino e sim construído socialmente como ferramenta para guiar as massas. Assim, a visão de Ivan se torna determinística, impondo ao ser humano a inevitabilidade do sofrimento decorrente de suas próprias injustiças, que também são inevitáveis devido à sua natureza. Além disso, durante seu discurso Ivan apresenta certo desprendimento em relação à responsabilidade, ele atribui a culpa da ocorrência das injustiças à natureza humana criada por Deus, mas se conforma com ela e se desprende da mesma, não fazendo nada para mudar sua realidade, pois para ele seria causa perdida e seria inútil ele tentar mudar algo que ele não tem “culpa” da existência, inclusive outros personagens apontam esse determinismo de Ivan e sua falta de ação frente às injustiças, Dmitri, em um diálogo com Aliocha, aponta: “Ivan é uma esfinge, ele se cala, sempre se cala”.

Apesar disso, Ivan possui um compasso moral e possui certas linhas que ele não estaria disposto a cruzar. Quando seu pai é assassinado e ao descobrir que Smerdiakov o fez pensando contar com o apoio de Ivan o mesmo tem um colapso, pois não consegue conciliar que as morais que ele defende levaram Smerdiakov a um ato tão bárbaro, e nesse momento é como se ele admitisse culpa pelo assassinato do pai, mesmo que o ato tenha sido cometido por outra pessoa, só foi possível pelo encorajamento moral — mesmo que inconsciente — de Ivan. Apesar de racionalmente rejeitar a possibilidade da justiça terrena — pois a delegação do senso de bem e mal causa uma cegueira frente às injustiças — Ivan repudia as consequências que isso traria para a sociedade russa, sendo ele um personagem paradoxal, sentindo culpa ao saber que ele contribuiu para o assassinato de seu pai, pois seus discursos da não existência de uma moral genuína encorajaram Smerdiakov a praticar o crime e incriminar Dmitri. Assim, o paradoxo é justamente que Ivan não acredita que o ser humano seja capaz de produzir uma justiça genuína, mas colapsa ao ver uma injustiça sendo feita fundamentada em seus ideais.

Smerdiakov, por outro lado, possui uma linha de pensamento parecida com a de Ivan, mas não sente culpa pelo assassinato que cometeu. Por diversas vezes ele se demonstra uma pessoa que não se importa em agir de forma a manter a boa convivência com os que lhe são próximos. Se para Ivan é necessária a imposição de moral para um convívio social minimamente pacífico, Smerdiakov rejeita qualquer senso de moral e justiça, seja ele interno ou imposto exteriormente. Smerdiakov faz o papel da real falta de senso de justiça. Para ele, não importa o fato de outra pessoa ser condenada pelo crime que ele cometeu. Ele não sente remorso por esse fato, mesmo sendo ele a causa direta dessa injustiça, pois, para ele, não há moral nem pecado; logo, não há injustiça.

É visto, em uma ocasião, como Smerdiakov distorce os conceitos religiosos e morais para defender seus interesses pessoais, por exemplo, no início da obra, se reúnem à casa de Fiódor Ivan, Aliocha e Smerdiakov — que mora com os empregados da casa — e este, frente a uma discussão quanto à culpabilidade e punibilidade de

quem renega Cristo frente a um perigo de morte, defende que qualquer um que se dizer cristão e ordenar que uma montanha se mova e ela não se mover e será condenado pelo Senhor, pois está nas escrituras. Ao citar que “se você tiver fé, mesmo do tamanho de um grão de mostarda, e se você disser a uma montanha para lançar-se ao mar, ela o obedecerá sem a menor hesitação” (Dostoiévski, 2013, p. 200), Smerdiakov demonstra optar por uma interpretação estritamente literal da passagem bíblica, desconsiderando seu caráter metafórico para justificar seus próprios interesses. Em razão dessa postura argumentativa, Fiódor chega a chamá-lo de sofista. Os sofistas, por sua vez, defendiam a relativização dos conceitos e privilegiavam a persuasão em detrimento da busca pela verdade. Como observa Alysso Leandro Mascaro, tratava-se de um “debate que não se fixa em torno do justo, mas apenas nos quadrantes do convencimento da maioria”.

Esse personagem é verdadeiramente apático frente ao sofrimento alheio e frente às injustiças, não se importando com qualquer coisa que não seja seus interesses pessoais, desprendido de qualquer convenção social que não lhe convém. Smerdiakov seria justamente o que Ivan teme que aconteça caso as pessoas não possuam um senso de justiça imposto a elas através da moral religiosa, se tornando um sujeito cruel sem nenhum senso de comunidade e não se importando em ver pessoas que lhe são próximas sofrendo por sua causa, pois se com a moral religiosa imposta aos sujeitos estes se tornam cegos quanto ao senso de justiça interno, o rejeite desse senso de rebanho e comunidade ao invés de despertar o senso interno de justiça e caridade deixaria um espaço em branco, um espaço preenchido apenas pelos desejos pessoais egoístas que devem ser reprimidos segundo a filosofia de Hobbes.

Apesar de sua falta de remorso, Smerdiakov não é imune à necessidade de pertencimento e comunidade, durante a discussão na casa de Fiódor, o mesmo fala para Ivan sobre Smerdiakov: “empreste-me seu ouvido... É para você que ele está discursando, ele quer receber seus elogios”. Paradoxalmente, mesmo sem se sentir culpado pela morte de seu pai e pela acusação de Dmitri, Smerdiakov se suicida por enforcamento ao descobrir que Ivan não apoia suas ações, deixando claro que, apesar de rejeitar a moralidade social, ele ainda procurava certo nível de acolhimento em Ivan e, quando isso lhe foi negado, entra em colapso, tal qual Ivan, mas, ao invés de enlouquecer como Ivan, Smerdiakov comete suicídio.

A Justiça Divina e Terrena de Aliocha e Dmitri

Aliocha e Dmitri iniciam a obra ideologicamente distantes um do outro, mas conforme a narrativa avança, observa-se uma aproximação na filosofia dos dois. Enquanto Aliocha permanece estável em suas crenças no decorrer da história, Dmitri apresenta uma mudança referente ao seu pensamento de antes do assassinato de seu pai e depois. No final da obra, os irmãos possuem ideais quase iguais de justiça e culpabilidade, sendo altamente influenciados pela filosofia cristã da Idade Média; tais ideais de justiça sofrem grande influência do conceito de culpa e redenção dos pecados através do sofrimento.

As posições de Aliocha muitas vezes são percebidas nas falas de Mestre Zózimo, monge que o tinha, de certa forma, como aprendiz. É através dele que sabemos muitos dos ensinamentos que Aliocha tem como inspiração para seu próprio modo de vida e os vemos sendo incorporados nas ações do personagem no decorrer dos acontecimentos. O mais novo dos Karamázov desde sempre afirma ser impossível alcançar a justiça plena na terra, pois apenas Deus conseguiria de fato promover justiça, mas o que torna a posição de Aliocha tão particular é que ele assume uma postura contra julgamentos humanos, pois estes são falhos e mais cometem injustiças do que justiças. Mais eficiente do que um julgamento terreno — seja um julgamento propriamente jurídico ou apenas no campo moral — seria a compreensão da natureza falha do ser humano e agir de forma a redimi-la. Aliocha chegou a questionar seu irmão Ivan se era justo que um ser humano decidisse sobre a vida ou a morte de outro ser humano, e sobre isso, Mestre Zózimo discursa para as pessoas do mosteiro, inclusive Aliocha:

Lembrem-se principalmente de que você não pode ser juiz de ninguém.[...] Mesmo se a lei o tornar juiz, aja tanto quanto possível nesse espírito, pois, partindo dele, ele condenaria a si próprio ainda mais energicamente do que seu julgamento. Mas se, com o seu beijo, ele parte insensível, zombando de você, não se perturbe: é que a hora dele ainda não chegou, mas virá; se ela não vier, pouco importa: outro compreenderá, no lugar dele, sofrerá e condenará a si mesmo, e a justiça será feita (Dostoiévski, p. 483, 2013).

Portanto, a posição de Aliocha rejeita a possibilidade da condenação terrena de um ser humano por outro, pois esse julgamento não teria como ser justo pela própria natureza humana. Apesar disso, não é uma posição conformista, de aceitação do sofrimento dos inocentes pelos pecados da humanidade, e sim uma posição de procurar entender a natureza humana para perdoar o próximo e para ele mesmo sofrer pelo outro e redimir os pecados humanos.

A perspectiva de Aliocha, nesse aspecto, é muito relevante especialmente para o Direito, pois rejeita a possibilidade de haver justiça em julgamentos humanos, posição essa que, se adotada no sistema jurídico, modificaria toda a lógica do processo penal, por exemplo, pois este tem como pressuposto um ser humano julgando o outro, tornando a condenação injusta em qualquer instância, apenas por ser realizada por uma pessoa.

Assim, diferente de Ivan que apesar de enraivecido, se conforma com as injustiças terrenas — assumindo como única realidade possível — Aliocha também vê as injustiças terrenas como inevitáveis, mas mesmo assim age ativamente a fim de impedir e atenuar o sofrimento dos inocentes, pois mesmo que seja inevitável e de certa forma necessário para a redenção dos pecados, ele deseja ele mesmo sofrer pela redenção dos pecados humanos e evitar o sofrimento do outro.

Já Dmitri inicia a narrativa sem se preocupar com tais questões, apesar de possuir um estrito código moral e agir de acordo com este. Após o acontecimento do assassinato de seu pai e sua consequente acusação, Dmitri ainda acredita que,

apesar de acusado, não seria condenado injustamente e pede honestamente para ser ouvido, esperando sua não condenação. Porém, conforme suas esperanças de ser inocentado vão se esvaindo, ele passa a acreditar, como seu irmão Aliocha, que seria impossível a concretização da justiça na vida terrena. Para ele, a sua condenação não seria injusta, pois ele de alguma forma é culpado pela degeneração da sociedade em que vive. Além disso, Dmitri admite que a justiça só pode ser concretizada por mãos divinas, aceitando a punição e escolhendo sofrer mesmo tendo sido condenado injustamente.

Na posição particular de Dmitri, encaramos um senso de desespero e impotência acerca das injustiças que ocorrem, mas ao mesmo tempo, paradoxalmente, encontramos um senso de tranquilidade ao saber que mesmo com tanto sofrimento humano causado por injustiças durante a vida. Tudo chegará a um fim, na morte, onde a justiça divina será aplicada e não haverá mais sofrimento e punição para aqueles inocentes e, ainda, tranquilidade na ideia de que o sofrimento dele — através de sua condenação ao trabalho forçado na Sibéria — irá redimir os pecados da humanidade e reduzir o sofrimento terreno dos inocentes, tornando benéfica e justa sua condenação, aproximando-se, novamente, dos ideais de Aliocha. Ainda, contribuindo para a visão coletiva dos pecados da humanidade e a ideia de que todos são responsáveis pelo crime de um indivíduo, sendo um indivíduo responsável pelos crimes de toda a humanidade, Mestre Zózimo fala sobre seu falecido irmão:

Meu jovem irmão pedia perdão aos pássaros: isso parece insensato, mas ele tinha razão, pois tudo é como o oceano: tudo acontece como no oceano, tudo se liga; tocamos em um pequeno ponto, em um extremo, e isso repercute no outro extremo do mundo (Dostoiévski, p. 481, 2013)

Ele ainda fala: “Só há um meio de salvação, responsabilize-se por todos os pecados dos homens.” (Dostoiévski, p. 481, 2013). Deixando clara, assim, a instância coletiva da culpa e do sofrimento pelos pecados cometidos pelos seres humanos.

Assim, a justiça, aplicável apenas por mãos divinas através do julgamento no pós-morte, não pode ser alcançada na terra, mas não devendo ser ignorada, pois agir contra a justiça é pecar e deve ser evitado em todas as instâncias, pois aumentaria o sofrimento necessário para a redenção da humanidade. Assim, diz Mestre Zózimo: “alegre-se pelo justo, alegre-se ao pensar que, se você tiver pecado, ele, em compensação, é justo e não pecou” (Dostoiévski, p. 484, 2013). Podemos perceber, novamente, uma equiparação entre o cometimento de injustiças e o pecado, na narrativa, os dois se equivalem e o arrependimento pelo cometimento das injustiças é tão importante para sua redenção quanto o sofrimento. Ou seja, a consciência dos pecados da humanidade é essencial para sua redenção, e é essa consciência que Aliocha apresenta e que Dmitri adquire no passar da obra.

Ante a iminência de sua condenação, Dmitri conversa com seu irmão mais novo e durante esse diálogo ele se questiona como pode haver tanta injustiça e

sofrimento de crianças inocentes e como resposta, afirma: “É pelo pequeno que eu vou para lá, para a Sibéria. Pois todo mundo é culpado por todos. O pequeno responde pela culpa de todos, pois há crianças grandes e pequenas” (Dostoiévski, p. 925, 2013). Aqui, fica clara a influência da filosofia cristã na obra, pois de acordo com esta, o sofrimento é essencial para a purificação dos pecados, mas para além disso, temos a visão agostiniana de justiça em que pelo pecado original de Adão e Eva a cidade humana é carregada de injustiças, sobre isso afirma Mascaro:

Agostinho estabelece uma distinção entre a cidade humana, eivada de vícios, instabilidades e injustiças próprios dos homens, que são pecadores a partir do pecado original de Adão e Eva, e a cidade de Deus, que se estabelece na vida pós-morte, junto aos santos e salvos, e cujos laivos chegam à terra por intermédio daqueles que Deus ungiu.

Por conta dessa distinção, na Terra, sua ordem, seus arranjos sociais, sua lei e seus julgamentos são injustos, à medida da falibilidade e do pecado dos homens. Em Deus reside a justiça (Mascaro, p. 95, 2023)

Assim, pela filosofia agostiniana, incorporada no pensamento de Aliocha e Dmitri, as injustiças terrenas são inevitáveis, cabendo apenas à vida após a morte o julgamento justo divino. Além da dimensão agostiniana à filosofia de Dmitri e Aliocha, extrai-se pela fala de Dmitri uma espécie de culpa coletiva pelo sofrimento e pelas injustiças, “todo mundo é culpado por todos”, como se os pecados de um indivíduo fossem razão suficiente para a punição do outro, pois eles fazem parte de um só coletivo. Um exemplo de como um indivíduo pode ser culpabilizado pela injustiça cometida por outra pessoa é justamente a situação entre Ivan e Smerdiakov, em que Ivan entra em colapso com o sentimento de culpa ao descobrir que, encorajado pela filosofia defendida por ele, Smerdiakov assassinou seu pai e incriminou Dmitri. Assim, mesmo que a primeira impressão seja do cometimento de uma injustiça, a noção de culpa compartilhada e coletiva muda essa perspectiva, deixando claro que, para ele, porque a humanidade é depravada, até os tidos como inocentes sofrem, e isso não seria injusto, pois, se a culpa é coletiva, a punição e o sofrimento também o serão. Essa posição é compartilhada por Aliocha, em suas ações e falas isso fica claro, tanto pelo comentário para seu irmão Ivan no diálogo deles sobre o Grande Inquisidor: “também quero sofrer”, como também através dos ensinamentos de Mestre Zóximo no início da obra:

Quando ele [o religioso] compreende que não é apenas pior do que todos os leigos, mas culpado de tudo, e por todos os seres, que é responsável por todos os pecados individuais e coletivos, só então ele atinge o objetivo de nossa união” (Dostoiévski, p. 246, 2013).

Para além disso, faz-se necessário um comentário acerca do ideal platônico de justiça, em que temos a pólis como medida da justiça. Acerca disso, “havendo distorções graves na sociedade, não há de se dizer que os afazeres jurídicos individuais possam lhe ser considerados alheios. A justiça, para Platão,

é necessariamente justiça social.” (Mascaro, p.52, 2023). Assim, a filosofia de Agostinho de certa forma se aproxima da de Platão, na instância em que a justiça — sua possibilidade, impossibilidade e forma de aplicação — está diretamente ligado com o contexto em que ela está sendo ou tentando ser aplicada, mas enquanto Agostinho é extremamente determinista dizendo impossível a justiça terrena pelos pecados cometidos pela humanidade, Platão tem uma instância de maiores possibilidades, já que a análise e aplicação da justiça no caso concreto está diretamente ligado ao contexto que está sendo analisado, não apenas ao fato isolado. Aplicando-se essa filosofia à narrativa dos Irmãos Karamázov, tem-se uma instância platônica no discurso de Dmitri e Aliocha, mesmo que seja de certa forma distorcido, já que temos a ideia de que a sociedade é responsável pelos erros individuais, mas na narrativa esse pensamento é expandido a ponto do indivíduo ser parte da sociedade e, portanto, ser responsável pelas injustiças cometidas por ela. Mais uma vez vem à tona a lógica de responsabilização de um indivíduo que não tem relação direta com a injustiça, mas é culpado na instância em que ele faz parte da sociedade que a tornou possível. Logo, a punição desse indivíduo “inocente” não é uma injustiça.

É essa a síntese do pensamento de Dmitri e Aliocha, com Dmitri aceitando sua condenação sob a visão de que ele é culpado pelo sofrimento dos inocentes por fazer parte da sociedade que a causa e a torna possível, assim, mesmo que ele não seja culpado pelo crime de matar seu pai, ele é culpado pelos crimes da humanidade que tornam possível o sofrimento dos inocentes. Aliocha diverge desse pensamento apenas no quesito de ser contra o julgamento de seu irmão, pois para ele não cabe a uma pessoa julgar as ações de outra pessoa, cabendo o julgamento apenas à razão divina. Diverge de seu irmão Dmitri, ainda, enquanto incentiva que ele fuja antes de sua expulsão para a Sibéria, mas não porque ele não acredita na culpa coletiva que acaba punindo um indivíduo inocente, e sim, pois, para ele, a punição institucional dos homens não é um método de concretização de justiça, então não teria motivo para seu irmão se submeter a ela. Para Aliocha, não cabe aos homens o julgamento, sendo este reservado apenas ao Ser Divino.

METODOLOGIA

Em uma perspectiva de abordagem do presente trabalho, trata-se de uma pesquisa descritiva, pois, para Alves (2007), ela tem como função descrever as características de um fenômeno, podendo também estabelecer relações entre fenômenos.

Trata-se, ainda, de uma pesquisa qualitativa, já que busca entender na obra analisada o fenômeno da justiça, que é subjetivo e variável, não podendo ser quantificado nem universalizado.

Referente aos procedimentos metodológicos, se utiliza a pesquisa bibliográfica, utilizando trabalhos já publicados — como livros, artigos e periódicos — a fim de extrair informações que auxiliem a análise, debate e entendimento do tema,

comparando o resultado da pesquisa bibliográfica com os discursos ideológicos extraídos e interpretados da obra analisada.

As etapas da pesquisa consistiram em ler primeiramente a obra *Os irmãos Karamázov* e extrair dela os discursos ideológicos acerca do conceito de justiça. Posteriormente, foi realizada uma pesquisa bibliográfica a fim de esclarecer e explicar o discurso encontrado no livro com correntes filosóficas do mundo material, utilizando essas correntes filosóficas para entender os discursos presentes na obra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de justiça é tão mutável e dinâmico, adaptando-se aos contextos de cada época e sociedade; assim, a justiça se apresenta diferente dependendo do contexto analisado. Uma forma de analisar os diferentes contextos das sociedades e, conseqüentemente, as ideologias nelas presentes é analisar obras produzidas naquela cultura, já que as obras artísticas são carregadas da ideologia de quem as produziu e quem as produziu, inserido em um contexto cultural, reproduz esse contexto em suas obras artísticas. Apesar da análise de contextos sociais ser possível através de obras artísticas e literárias, é importante salientar que esta análise será feita nas limitações daquele autor, já que nenhuma experiência é universal e a obra criada pelo autor não pode representar a vivência de pessoas de outros gêneros, raças, credos e classes sociais.

Assim, *Os irmãos Karamázov*, uma obra de Fiódor Dostoiévski, é repleta de ideologias e filosofias presentes na Rússia pré-revolucionária, contexto em que ele escreveu a obra. Na narrativa, percebemos como cada um dos personagens segue e discute uma filosofia diferente e vemos como essas filosofias interferem na obra, cada um com sua perspectiva acerca da justiça, culpa e punição. A obra retrata a sociedade russa e as ideias que nela circulavam na época e contém influência de ideais revolucionários socialistas, filosofias ocidentais como o niilismo e filosofia religiosa cristã, servindo o enredo como base para discussão e debates filosóficos. Especialmente acerca do conceito de justiça, *Os Irmãos Karamázov* contém uma variedade de pontos de vista que entram em conflito ao longo da narrativa, contendo muita influência de filosofias cristãs, por muitas vezes os conceitos de pecado e injustiça se confundem e a justiça parece se concentrar no aspecto punitivo, no sentido de que punir o culpado por um pecado seria consertar uma injustiça promovendo justiça.

Para Smerdiakov, a justiça não existe, pelo fato de que ele não acredita em Deus, o que o faz desacreditar na punição pelos pecados cometidos em vida e sem um compasso moral. Smerdiakov não se importa com a condenação de um inocente por um crime que ele cometeu. A justiça, para Smerdiakov, é apenas uma convenção social da qual ele abre mão quando lhe convém, a fim de atender aos seus interesses pessoais.

Ivan possui uma visão mais moralista da justiça, ele se incomoda profundamente com as injustiças do mundo e o sofrimento que elas causam, mas,

para ele, essas injustiças são inevitáveis e resultado direto da natureza humana. Para Ivan, as injustiças ocorrem, pois, apesar de as pessoas possuírem livre-arbítrio, elas escolhem abdicar deste em prol de seguir o compasso moral da instituição religiosa da Igreja, as livrando, assim, da responsabilidade de elas mesmas possuírem um senso de moral e justiça. Além disso, Ivan, em uma visão de certa forma hobbesiana, acredita que ocorreriam muito mais injustiças se não houvesse essa abdicação, já que é essa abdicação que impulsiona o ser humano a não sucumbir completamente aos seus impulsos pessoais egoístas.

Portanto, Smerdiakov e Ivan possuem em comum a ideia de que por não existir Deus, não existe punição para os pecados e injustiças cometidos na vida terrena. Porém, existe uma diferença fundamental entre os dois, que é que, enquanto Ivan teme pelo futuro da sociedade, onde todos percebem que não há punição pelos pecados e os cometem sem medo, Smerdiakov vê isso como uma libertação para agir de acordo com suas vontades egoístas. Assim, Smerdiakov manipula o ideal de justiça para se encaixar em seus interesses, enquanto Ivan se incomoda com as injustiças praticadas pelos seres humanos contra os inocentes e teme que, sem a moral cristã, seria pior ainda o cometimento de injustiças.

Já Dmitri e Aliocha possuem, ao final da obra, ideias muito parecidas sobre a justiça: para eles, a justiça plena seria impossível na vida terrena, adotando uma posição agostiniana de que, pelos cometimentos de pecados, a humanidade está condenada ao sofrimento e à punição dos inocentes. Além disso, ambos acreditam em um conceito de culpa coletiva, em que é cabível a punição de um indivíduo que não possui culpa direta no cometimento de uma injustiça ou pecado, pois este indivíduo faz parte de um coletivo degenerado e, por isso, ele é também culpado. Apesar disso, Aliocha possui um posicionamento contrário ao julgamento humano, pois não cabe à razão humana julgar, sendo este julgamento injusto pela própria natureza, portanto, apenas o julgamento divino é justo.

O trabalho não extingue as discussões sobre o tema, cabendo, por exemplo, um aprofundamento acerca das questões entre justiça e culpa ou acerca do restabelecimento de um mundo justo através do sofrimento dos pecadores ou, ainda, acerca dos conceitos cristãos de justiça e justiça social. Deixando, assim, em aberto questões que possam ser exploradas em uma próxima pesquisa.

Assim, o presente trabalho conclui que a justiça possui diferentes significados em Os irmãos Karamázov, nos levando à importância de se estar sempre ponderando a justiça, pois apesar de ser sua concretização o objetivo do direito, é necessário que o jurista tenha sempre em mente que os conceitos de justiça não são universais e ponderar e analisar a razão do direito — a justiça — traz ao jurista senso crítico, o afastando de se tornar um tecnocrata.

REFERÊNCIAS

ALVES, M. **Como escrever teses e monografias: um roteiro passo a passo.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Os irmãos Karamázov**. Tradução de Herculano Villas-Boas. São Paulo: Martin Claret, 2013.

DUTRA, Tônia Andrea Horbatiuk. **Niilismo e Justiça: uma análise a partir do personagem Ivan Karamázov**. Coleção direito e literatura, Luis Carlos de Olivo, organização — Florianópolis, Dostoiévski e a Filosofia do Direito: O Discurso Jurídico dos Irmãos Karamázov, vol. 7, p. 45-78, 2012, Disponível em: >https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/99612/Dostoevski_V_VII_texto1.pdf?sequence=1&isAllowed=<

MASCARO, Alysso Leandro Barbate. **Filosofia do direito**. São Paulo: Atlas, 2023

NOGUCHI, Eduardo Armaroli. **Niilismo ou religião: os caminhos da liberdade no romance “Os Demônios” de Dostoiévski**. 167 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) — Universidade Federal de Juiz de Fora, 2007.

WARAT, Luis Alberto. **A ciência jurídica e seus dois maridos**. 2. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

WARAT, Luis Alberto. **O direito e sua linguagem**. 2ª edição. Porto Alegre: safE, 2000. ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e Leitura**. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

WILDE, Oscar. **A Alma do Homem Sob o Socialismo**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2013.